

# Mulher "macha"

Sempre achei que a ex-ministra Marina Silva era uma voz intransigente demais diante de questões urgentes, sobre as quais o País não poderia jamais abrir mão. Tal como os transgênicos ou a hidrelétrica do Rio Madeira. Hoje, percebe-se que ela fazia o contraponto num ministério de personagens agachados, que todo o tempo se arrojam aos pés do presidente Lula para continuar nos cargos, garantindo o faturamento e sobrevivência do grupo político do qual são oriundos.

Marina honrou as calças que veste, embora esse ditado sirva apenas ao público masculino. Foi "macha", por assim dizer. Passou esse tempo inteiro criando problemas ao não abrir mão das suas convicções. Acreditava que se não firmasse pé, cairia naquela geléia geral que se tornou o Governo, no qual todos estão de passagem, rumo a algo que os enriqueça. Não se deixou amaciar e até mesmo na despedida foi digna: entregou uma carta de demissão, seca, ríspida até, a quem todo o tempo a menosprezou — o presidente da República.

Lula esperava o beija-mão, o agradecimento terno, subserviente, a saída do cargo não com a porta fechada, mas encostada. Quem sabe, um dia, a gente



Fábio Grecchi  
Editor de Política

volta? — pensam tantos que já foram dispensados desonrosamente neste Governo. Marina fez questão de batê-la de devolver a chave ao proprietário. Como quem dissesse: "Toma, não te devo coisa alguma".

Nestes últimos tempos, temos visto uma seqüência de personagens macios, maneirosos, escorregadios. O pivô da saída de Marina, o ministro não-se-sabe-de-quê Roberto Mangabeira Unger, chamou o Governo Lula de o "mais corrupto". Mas deixou na porta aquilo que dissera quando aceitou uma beirada no primeiro escalão. Foi a primeira vez que se viu a "convicção seletiva", que serve de acordo com a circunstância.

Este é apenas um caso. Houve outros, nos quais por mais graves que fossem as acusações imputadas aos então ministros, disfarçavam a falta de vergonha na cara afirmando que a saída seria uma confissão de culpa. Mentira,

grossa e deslavada. Nos cargos podiam manipular, pressionar, pisar, fazer tudo aquilo que somente o poder permite. Marina agüentou o quanto seu caráter permitiu. Diante de mais uma desqualificada presidencial, a decência falou mais alto — e devolveu a pasta.

Aliás, seu retorno ao Senado será um bálsamo para a Casa, combatida pela presença de cidadãos que fazem questão de se ridicularizar a cada intervenção. Sai um suplente desimportante e totalmente teleguiado pelo Palácio do Planalto, assume a dona da cadeira, que até por aquilo que realizou à frente do Ministério do Meio Ambiente, chega com a obrigação de dar um pingão de dignidade à bancada do PT. Ganha o Parlamento, machucado com tantas e lastimáveis presenças. Perde o Governo, que pelo trauma do evento convida Carlos Minc acreditando que vá se dedicar à tarefa de não criar problemas.

O que se espera do novo ministro é que honre os votos que recebeu para deputado estadual e sustente o patrimônio de seriedade que conquistou no eleitorado do Estado do Rio. Afinal, o Governo Lula tem tido a incrível capacidade de amaciar a dignidade.